

Redação, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Oficinas de Imprensa Esteriotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras. Não se devolvem os originais. Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2395

DIÁRIO DA MANHÃ

# A BATALHA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO  
GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento se-  
manal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 me-  
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses  
60\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00  
PAGAMENTO ADIANTADO

TERÇA FEIRA, 21 DE SETEMBRO DE 1925

## A zona do silêncio

... Repentinamente todas as vozes emudeceram. O ruído cessou nas ruas, morreu nos jornais: as tribunas ficaram desertas, as assembleias dispersaram-se como as areias do deserto e a imprensa de oceano encapelado tornou-se tímido e murmurante regato. Era o silêncio—silêncio feito em volta dos actos governativos, silêncio que vencia todos os elogios e esmagava todas as censuras. E Gomes da Costa vai para os Açores reflectir nos seus erros, mas suas incoerências e suas paixões e acções imprudentes e contradiatórias. Surge depois a revolta de Chaves sufocada rapidamente e sem alarido—e o silêncio não se interrompe. Serena, flemática, lácónica, uma nota oficiosa refere que o sr. João de Almeida, coronel do exército, se aproveitara do cargo de confiança que lhe deram no ministério da Guerra para conspirar em benefício das suas políticas ambiciosas pessoais. E o sr. João de Almeida recebeu ordem de se apresentar no ministério da Guerra, sem que no silêncio em que o país foi mergulhado houvesse o menor sinal.

\* \* \*

Constata-se que a população operária não está disposta a servir ambigüezas pessoais, nem a ser joguete em reviravoltas políticas. Sabe o que quer—e despreza os que dela para fins políticos se querem servir. Não se envolve na baralha nem para aplaudir vencedores, nem para carpir vencidos. Fiel ao seu sentido e inteligente critério social não apoia, nem hostiliza sistematicamente um governo pela sua etiqueta política; julga-o pelos seus actos, pelos actos que a possam interessar ou afectar nos seus interesses, nos seus direitos e nas suas regalias. E julga-o imparcialmente, porque não está enfeudada a partidos, nem a grupelhos. Possuidora dumha consciência colectiva que não foi edificada em teóricas abstracções mas nas duras realidades da vida prática, sabe que a sua força reside na justiça que lhe assiste e ainda na sua energia e na sua coesão. A zona de silêncio em que o país entrou não a perturba a ponto de agir às cegas e de se lançar em ruínas atitudes e em deploráveis precipitações. Cala-se—e espera. E prepara-se com autoridade moral suficiente para poder clamar, sem ser contestada, que da passagem da zona do silêncio para a zona dos tuíões não foi, nem podia ser a culpada.

\* \* \*

Averiguou-se na guerra que um ruído que seja escutado a 100 quilómetros de distância, pode passar despercebido a 20 desde que esses 20 estejam numa zona intermédia, classificada de zona do silêncio.

Oxalá que a zona do silêncio em que se vive não conduza a uma ignorância deplorável, não impeça de escutar a voz que existe nessa garganta colectiva: o povo que trabalha e que não quer ser sacrificado por situações que ele não pretendeu nem construir, nem destruir.

## Um apelo de liberais italianos contra as represálias de Mussolini

Acércas das medidas que Mussolini pretende tomar, a pretexto do atentado frustrado, é de escutado a 100 quilómetros de distância, pode passar despercebido a 20 desde que esses 20 estejam numa zona intermédia, classificada de zona do silêncio.

Nenhum operário, nenhum consumidor, nenhum homem de carácter, deve desejar que *A Batalha* desapareça, porque seria a perda de um jornal que na imprensa se tem mantido com severa independência, sustentando campanhas de interesse público e de defesa proletária.

*A Batalha* ocupa, actualmente, na sociedade portuguesa, um lugar de destaque que, jamais, qualquer outro jornal saberá, ou poderá, ocupar. E o lugar que só *A Batalha* pode e sabe ocupar, com independência, com dignidade, com desassombro, enche de prestígio e de moral todas as classes trabalhadoras, todas as classes que produzem o bem colectivo, sejam essas classes designadas como liberais, sejam, ao mesmo tempo, as classes que garantem a existência social com o proveitoso êxito do seu labor constante.

Os tempos decorrem agitados por humanas reivindicações de justiça, de liberdade, de bem estar. O egoísmo reage brutalmente contra aspirações tão generosas como as dos operários, dos artistas, de todos os homens de consciência, emfim. Sente-se a ardente necessidade de uma força moral que anime e prepare a vitória de todas as reivindicações humanas, justas e equitativas. Essa força reside em *A Batalha*, e poderá ser cada vez maior, se todos compreenderem qual a função que cabe ao nosso jornal e qual o apoio que deve ser-lhe dispensado para que essa função resulte normal e sequente.

O desaparecimento de *A Batalha* seria um sintoma alarmante para os que anseiam por justiça e igualdade. Mas *A Batalha* não desaparecerá se todas as consciências livres a apoiarem com decisão e perseverança.

## CARESTIA DA VIDA

### A Companhia União Fabril quere apoderar-se de quase todo o azeite existente no país!

Os leitores devem estar recordados da ofensiva dos industriais gananciosos, ofensiva exercida contra os salários dos trabalhadores. Quis-se reduzir salários e é triste confessar que, em muitos pontos do país nalgumas ou em todas as indústrias, os fins dos exploradores foram por diante, devido à moleza e à indiferença dos que eram gravemente lesionados nos seus interesses. Deve-se até a circunstância de serem reduzidos os salários aos operários que eram mais miseravelmente retribuídos, sem que se tivesse produzido qualquer diminuição no custo da vida.

Os industriais aproveitaram-se habilmente da crise de trabalho para levar a cabo o seu negro fim e justificaram-no alegando que as condições das indústrias, devido a uma oscilação inesperada no câmbio, se tenham tornado bastante precárias. Surgiu agora, também inesperadamente, um aumento súbito no custo da vida e convém repelir, desde já, a afirmação que é de uso entre os especuladores de que esse foi motivado pelas reclamações do proletariado. Os salários de grande número de operários foram diminuídos e uma diminuição de salários só pode ser considerada por doidos varridos como uma causa determinante do agravamento da carestia da vida.

O azeite, como a colheita foi fraca, pulou repentinamente de seis para dez escudos em litro, quando não havia a menor razão para custar um centavo a mais. Por enquanto não há, não pode haver falta de azeite, pois que é uma coisa sabida, o efeito que uma colheita fraca produsa não pode ser imediato. Mas, como ele podia vir a ser escasso para o consumo dentro de alguns meses, o assambalador surgiu e o género foi repentinamente diminuindo no mercado. Esse odioso potentado, a

a audácia natural de quem se sente em país conquistado, a anunciar publicamente nas colunas dos jornais de grande informação a compra de quantidades indeterminadas de azeite, sem mencionar a quantia por algumas ou em todas as indústrias, ou em todas as indústrias, os fins dos exploradores foram por diante, devido à moleza e à indiferença dos que eram gravemente lesionados nos seus interesses. Deve-se até a circunstância de serem reduzidos os salários aos operários que eram mais miseravelmente retribuídos, sem que se tivesse produzido qualquer diminuição no custo da vida.

E sabe-se perfeitamente que a União Fabril faz o que lhe apetece, dispõe de todos os meios para realizar os carichos e a formidável ganância de Alfredo da Silva, pessoa que vive na intimidade das mais fortes combinações de certos bandos internacionais de capitalistas que não hesitam perante a prática dos maiores crimes. O azeite já está a dez escudos, isto é, o seu custo já se elevou em mais de 65%. A que preço chegará ele amanhã com a União Fabril senhora da sua situação, dispondo de quase todo o azeite existente no país?

Bem sabemos que a importação é um recurso que pode forçar os assambaladores a deterem-se na sua ganância. Mas não deixamos de observar que ela é, em primeiro lugar, impotente para fazer regressar o azeite ao seu custo primitivo: seis escudos. Logo o expidiendo lucro de 65%, arrancado à miséria do povo vai todo inevitavelmente, inteiramente, amontar-se nos cofres dos especuladores.

Em segundo lugar os assambaladores hão de tentar pôr todos os entraves, fazer todas as diligências para que ela se não faça ou se faça em más condições que vem a dar na mesma. Enós bem sabemos como está montada a máquina do Estado, para afirmarmos que nada se faz, sem uma forte pressão da opinião pública.

## Se o operariado e, também, todos os homens de generosas aspirações não recusarem o seu apoio "A Batalha" prosseguirá a sua admirável existência

A situação de *A Batalha* deve continuar prestando a atenção carinhosa do operariado. Neste momento, está-se proclamando a necessidade de reforçar a organização sindical, de forma a que ela possa corresponder e dar êxito às aspirações de bem estar e tranquilidade de existência da classe operária. *A Batalha* tem a função social de interpretar o protesto do operariado contra o jugo patronal, contra a servidão económica, contra todas as injustiças sociais.

*A Batalha* é um jornal exclusivamente destinado à defesa das classes operárias e, mesmo, à defesa do povo consumidor, à defesa de todas as causas justas, quer digam respeito aos indivíduos, quer interesse a colectividade.

Nenhum operário, nenhum consumidor, nenhum homem de carácter, deve desejar que *A Batalha* desapareça, porque seria a perda de um jornal que na imprensa se tem mantido com severa independência, sustentando campanhas de interesse público e de defesa proletária.

*A Batalha* ocupa, actualmente, na sociedade portuguesa, um lugar de destaque que, jamais, qualquer outro jornal saberá, ou poderá, ocupar. E o lugar que só *A Batalha* pode e sabe ocupar, com independência, com dignidade, com desassombro, enche de prestígio e de moral todas as classes trabalhadoras, todas as classes que produzem o bem colectivo, sejam essas classes designadas como liberais, sejam, ao mesmo tempo, as classes que garantem a existência social com o proveitoso êxito do seu labor constante.

Os tempos decorrem agitados por humanas reivindicações de justiça, de liberdade, de bem estar. O egoísmo reage brutalmente contra aspirações tão generosas como as dos operários, dos artistas, de todos os homens de consciência, emfim. Sente-se a ardente necessidade de uma força moral que anime e prepare a vitória de todas as reivindicações humanas, justas e equitativas. Essa força reside em *A Batalha*, e poderá ser cada vez maior, se todos compreenderem qual a função que cabe ao nosso jornal e qual o apoio que deve ser-lhe dispensado para que essa função resulte normal e sequente.

O desaparecimento de *A Batalha* seria um sintoma alarmante para os que anseiam por justiça e igualdade. Mas *A Batalha* não desaparecerá se todas as consciências livres a apoiarem com decisão e perseverança.

## Vai realizar-se em Belém uma grande festa em favor de "A Batalha"

*A Batalha* conta inúmeros amigos, que acorrem logo que o jornal lança os seus apêlos. Em Belém, o bairro que tantas tradições de liberdade e aventura evoca, onde, agora, residem centenas de trabalhadores que recatam ideais plenos de beleza e humanidade, constituí-se uma comissão de sócios do Grupo Dramático e da Sociedade Musical Instrução Libertada, com o louvável intuito de promover um espetáculo popular em favor de *A Batalha*.

Légitima. Todavia nós julgamos oportuno exprimir a este respeito a opinião da democracia italiana. Nós podemos garantir que os emigrados italianos pertencendo à democracia, se mantêm fieis aos princípios e às tradições da luta civil dos seus respectivos partidos na Itália. Por isso, nós declaramos em nome deles que a responsabilidade moral dos atentados contra Mussolini recai inteira e exclusivamente sobre a ditadura fascista.

Nos estamos persuadidos que os governos estrangeiros oportuno, a essas singulares pretensões, uma resistência tão firme como

## PELO ESTRANGEIRO

### A atitude bética da Itália contra a França impressionou a Europa

O facto político mais saliente nos últimos tempos, no império do fascismo, foi a tentativa frustrada de um emigrado. A saliência nota-se, não no próprio acto, mas nas suas consequências.

Mussolini teve uma grande crise de mau humor que mais refinou o seu nacionalismo exaltado. Contra a França pronunciou o ditador de Itália um discurso que se anotou a uma declaração de guerra.

A impressão causada foi saudada. A própria imprensa estrangeira que nutre simpatias pelo fascismo, como a maioria da imprensa espanhola, não aceitou sem objecção o discurso de Mussolini, comandando-o com indulgência e bondade, mas anotando-lhe a perigosa imprudência.

A opinião conservadora, que tem a sua expressão mais flagrante na imprensa britânica, e que tem apoiado a política concordante dos srs. Chamberlain e Mussolini, mostra-se severa para com as palavras do ditador de Itália. O *Times* apreciou desfavoravelmente diversas passagens do discurso de Mussolini e considerou um acto pouco diplomático o ódio ao estrangeiro iniciado pelo chefe do fascismo.

Numerosos jornais estrangeiros discordam repudiantemente da pretensa intervenção do estado italiano na vida interna das nações.

A propósito do atentado de Ermete, *El Sol*, órgão conservador espanhol, considera absurdo que se atribuam responsabilidades à França, quando o agressor era italiano e o acto foi praticado em Itália.

O embaixador francês em Roma ao felicitar Mussolini por haver escapado, insinuou-lhe que se era certo que a polícia francesa não evitaria que o agressor saísse de França, não menos evidente era que a polícia italiana não impedisse que o agressor entrasse em Itália.

Os fascistas pretendem que a França promulgue excepcionais medidas contra os emigrados italianos, ao que o governo francês se opõe, tendo mesmo erguido um solene protesto. Mussolini teria sido imprudente, mas é indubitable que ele apenas interpretou as ambições imperialistas e guerrileiras de todo o nacionalismo italiano.

Provou-se que o dr. Drumond Borges, contra o disposto na lei, receitava para sua mulher e receitava terríveis alcaldes.

Desse procedimento havia ainda na sexta-feira passada, em poder do farmacêutico sr. Castro Fonseca, uma esmagadora prova.

Provou-se que o dr. Drumond, completamente desequilibrado em face da iminência do escândalo, recorrera a uma ingrata medida: sugerir a prisão de dois empregados de farmácia que aviam uma receita que se dizia falsificada.

Provou-se finalmente que um juiz, o dr. Teixeira Direito, quando um farmacêutico lhe provava a inanidade da argumentação do marido da morfinomania procedeu ilegalmente, mandando-o prender.

Se se fizeram correr impressas estas provas indistrutíveis, fundamentadas em factos, demonstradas com nomes e moradas, porque não houve, então, procedimento judicial?

Sim, porque não procedeu a polícia, com a mesma coragem com que procedeu para com os dois desgraçados que aviam uma receita, por ignorarem a falsidade da assinatura?

Esse procedimento judicial não se verificou, ousamos, proclamá-lo com todo o desassombro, porque o dr. Teixeira Direito e amigo particular do dr. Drumond Borges a quem deve algumas finezas.

Não houve a verdadeira isenção de mafistado, para haver a dedicação de amigo?

Não desejamos a prisão para ninguém. Mas se o dr. Teixeira Direito tivesse procedido de igual forma para com dois empregados da farmácia José Bento de Almeida e, posteriormente, para com um homem que teve um gesto cavalheiresco, o farmacêutico sr. Custódio Pinheiro, nós não veríamos aqui combater uma medida iníqua porque ela não existia.

Nenhum médico pode fazer uma recomendação destas não se tratando de uma especialidade da casa.

Mais fá-lo o dr. Drumond por razões que o leitor amanhã saberá.

## O CASO DOS ESTUPEFICANTES

### A-pesar de todas as provas esmagadoras o dr. Drumond Borges continua vivendo sob a protecção de um juiz, seu particular amigo

No espírito do leitor que tem assistido à discussão deste vergonhoso caso da senhora que se injectava, com conhecimento do seu marido, de morfina e ópio, há três dias que se radicou esta impressão: de que ainda não houve procedimento judicial para com os arguidos porque alguém, de alta categoria social, está interessado em protegê-los.

Assim é, infelizmente. Ora vejamos porquê. Pelos depoimentos de alguns farmacêuticos que a *Batalha* arquivou no seu número do sábado, provou-se que o dr. Drumond Borges era conhecedor de que sua esposa é uma morfinomaníaca e, pelas declarações de Ana de Jesus, a condântate degradação moral à que chegou essa senhora.

Provou-se que o dr. Drumond Borges, contra o disposto na lei, receitava para sua mulher e receitava terríveis alcaldes.

Desse procedimento havia ainda na sexta-feira passada, em poder do farmacêutico sr. Castro Fonseca, uma esmagadora prova.

Provou-se que o dr. Drumond, completamente desequilibrado em face da iminência do escândalo, recorrera a uma ingrata medida:

Provou-se que o dr. Drumond, completamente desequilibrado em face da iminência do escândalo, recorrera a uma ingrata medida: sugerir a prisão de dois empregados de farmácia que aviam uma receita que se dizia falsificada.

Provou-se finalmente que um juiz, o dr. Teixeira Direito, quando um farmacêutico lhe provava a inanidade da argumentação do marido da morfinomania procedeu ilegalmente, mandando-o prender.

Se se fizeram correr impressas estas provas indistrutíveis, fundamentadas em factos, demonstradas com nomes e moradas, porque não houve, então, procedimento judicial?

Vamos, senhor juiz: em que classe entende v. ex. que estão o dr. Drumond Borges e sua esposa?

célere Reorganização que abriu o trágico conflito ferroviário — que são incalculáveis os prejuízos derivados da publicação e execução daquele diploma.

\*\*\*

Azevedo Coutinho, porém, fiado na incapacidade ministerial ou na sua ligação partidária, entendeu que lhe era feito proclamar as maiores inconveniências; e assim, quando blasonou de económico, porque uns tristes escudos poucos nos salários, — não meteu em linha de conta as milhares de libras que mensalmente levantavam dos C. F. L. M. só para pagamento à polícia regular e clandestina, não disse quais as despesas feitas pelo governo para alterar a ordem com o pretexto de que a manutinham talvez apenas os salários que não se pagaram mas não fez referência alguma às enormes gratificações dadas a esmo (chefs de serviço com 30 contos, o chefe de traçado com 20 contos, o das oficinas com 12 contos, o da electricidade com 20 contos... sem falar nesse bando monumental distribuído a polícias, chauffeurs, chefes de depósito, de estação, maquinistas, etc., etc.).

Hoje, porém, que um novo Alto Comissário se indigita para Moçambique e que um ministro se encontra na pasta das Colónias a quem não é fácil meter os dedos nos olhos, — os factos têm de ser encarados sob o seu verdadeiro prisma. Proceda-se, portanto, a uma análise minuciosa dos acontecimentos, e vê-se-há que, além das arbitrariedades, das violências cometidas por Azevedo Coutinho e os seus famosos auxiliares, reduzindo à miséria centenas de famílias, o Estado foi enormemente prejudicado, transformando-se num montão de ruínas um serviço que, a par dos que na África do Sul possuam mais eficiente organização, vinha honrando a capacidade portuguesa.

Já o dissemos e repetem-se, para dúvidas das nossas intenções não fiquem em ninguém, — que os serviços dos C. F. L. M. precisavam de ser remodelados, limando-lhes errestas, cortando-se desperdícios,

fazendo um melhor aproveitamento das faculdades de trabalho do pessoal, de modo a torná-lo mais eficiente e mais rendoso. Tal remodelação não cabia na competência técnica dos engenheiros Craveiro e Rua inspirados pelo condutor Cabral, muito menos Vítor Hugo, divorciado das classes produtivas de Moçambique e de mãos dadas com 2 principiantes como eram Severino e R. Gomes depois de afastados de lugares de destaque e dos Conselhos Executivo e Legislativo velhos coloniais — estava à altura de mexer no serviço mais complexo e mais melindroso que esta grande província ultramarina possui.

Continuaremos amanhã a análise ao monstro que é a celebre Reorganização...  
MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Santos» são hoje expedidas muitas postais para o Pará, Manaus, Pernambuco e Baía, sendo da Estação Central dos correios as últimas tiragens de correspondências registradas às 9 horas e das ordinárias até às 11 horas.

Por via de Marselha também se expedem muitas do Correio para a Índia portuguesa e Macau, efectuando-se a última tiragem às 11,30

### Aos nossos correspondentes

A expansão dum jornal está sempre na razão directa da dedicação e do esforço dispensido por todos os seus servidores.

Jornal operário, por e para trabalhadores feito, *A Batalha* carece de muitas e grandes dedicações que de toda a parte a informem do sentir dos oprimidos, cujos protestos, queixumes e aspirações ela tem a missão de interpretar, ao mesmo tempo que os oriente na maneira de conseguirem emancipar-se.

E porque o correspondente é sempre o elo que liga ao jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informações, no que prestarão um bom serviço à causa e evitárem que, muito a nosso pesar, os eliminemos do caderno-registo dos nossos informadores.

A todos aqueles que se nos fêm oferecido para correspondentes nas localidades onde ainda os não temos, solicitamos que nos enviem urgentemente duas fotografias, uma para o cartão de identidade que lhes será distribuído, e a outra para o nosso registo.

### Agressão à paulada

No Banco do Hospital de São José, recebeu curativo e foi para casa, Manuel Augusto Lopes, de 38 anos, natural de Valença do Minho, descarrador, Travessa Gaspar Trigo, 2, loja, que na estrada de Sacavém foi agredido com uma paulada na cabeça.

### Biblioteca de Instrução Profissional

**Manuals de ofícios**

Salvaplastia.....	18\$00
Metores de explosão.....	20\$00
Navegante.....	16\$00
Cimento armado.....	25\$00

**Construção Civil**

Acabamentos das construções.....	16\$00
Alvenaria e Cantaria.....	13\$00
Edificações.....	13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações.....	13\$00
Materiais de construção.....	20\$00
Terraplenagens e alicerces.....	13\$00
Trabalhos de carpintaria.....	16\$00

**Diversas indústrias**

Condutor de Máquinas.....	20\$00
Fogueteiro.....	16\$00
Formador a estuador.....	12\$00
Fundidor.....	13\$00
Pilotagem.....	16\$00
Indústria alimentar.....	12\$00
Indústria do vidro.....	12\$00

**Mecânica**

Torneiro e Frezador mecânicos.....	15\$00
Desenho de máquinas.....	25\$00
Material agrícola.....	13\$00
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor.....	13\$00
Problemas de máquinas.....	16\$00

### CARTA DO LOBITO

## A impura e desentreada exploração patronal

LOBITO, agosto de 1926.—Angola tornou-se o vespero de aventureiros e a terra de vítimas. Apontemos os males cujo redimido tarda:

Crise de carência de fundos, e essa é uma das mais importantes. A sanguessuga que encima nos portais dos seus edifícios a iniciais B. N. U. tem enchedo o mais que tem podido as algebrás e leva aos desgraçados, que por terras equatoriais portuguesas morrem, o melhor do seu trabalho, ganho a maior parte das vezes à custa de sacrifícios e privações.

Crise de carência de mão-de-obra indígena; esta só a consegue quem, por meios ilícitos, tenha podido arranjar algumas centenas de milhares de escudos para contratar dum servo.

Crise de carência de trabalho resultante da falta de fundos.

O patronato, durante o período aureo da abundância de numerário, deu-se ao luxo de contratar, admitir e aumentar o número dos seus servidores, conscião de que esse período jáimais acabava.

Disputava-se um empregado, um operário ou um artífice, que fez aumentar consideravelmente a corrente de emigração para esta colónia. O Estado nadava em papel-moeda e quando ela acabava mandava-a fabricar; apareceram as sebentas *Ritas* e a outra série de irmãs, seguidas mais tarde das *obrigações*, que a nadar obrigarão, havendo ainda quem as possua sem as conseguir trocar.

O patronato, na sua maioria constituído por boçais, deu-se ao luxo de adquirir automóveis das mais afamadas marcas. As pândegas eram diárias; o *champagne* gelado e a cerveja substituiram o caramelo das aldeias que os viram nascer, e até para as férias veiu o Santo António...

A crise veio e a gíbia começou a desencorajar-se e a exigir desses pseudo «novos ricos» o pagamento dos seus créditos, e o resultado foi a vingança torpe e mesquinha desses repis imundos sobre os seus servidores, tirando-lhes regalias, despedindo-os, comprindo assim as despesas para fazerem ver ao Banco que reduziam os gastos.

\*\*\*

O comércio de Angola é uma lástima. Em cada distrito mal se aproveitam duas ou três firmas regulares, estando as restantes falidas e à espera que lhes deem o golpe de misericórdia para se irem abaixo de vez.

Quem, de fora, analisa imparcialmente a vida desses amigos do alheio constata, embora com desgosto, que há milhares de trabalhadores a quem o patronato há muito

tempo deve várias importâncias que, restringidas, dariam verdadeiras fortunas, e que não são pagas porque os patrões dizem que não há dinheiro...

E' frequente encontrar-se na pior das misérias empregados, que caíram no lôgo de depositá-las nas firmas dêsse enfatizados imbecis o melhor das suas economias, vivendo alguns até de esmolas e outras regressando à metrópole, arruinados de saúde, e tendo de valer-se de subscrições, enquanto esses negreiros algebrás da escravatura branca, viajam em primeira classe, cheios de luxo e conforto, com o dinheiro dos miseráveis. E se alguém melhor intencionado lhes fala nos débitos aos seus assalariados, ainda respondem arrogantes:

— Que se queixem, que vão para os tribunais...

Ir para os tribunais, oh vil químéra... Infelizmente para os que vivem em Angola a própria justiça é só para os ricos. A tribuna só os grandes, os burgueses podem ir.

O proletário, aquele que trabalha de dia para dormir à noite, tem de sofrer com resignação a escravatura porque se não pode queixar, porque não tem a quem recorrer.

Como pode o que trabalha e vive do seu salário pagar advogados, agencia, selos e papel selado, se ele se queixa de ter sido explorado pelo patronato ou requer os seus créditos esta ou aquela firma?

Aos administradores de concelho, autoridade mais próxima das classes trabalhadoras, ninguém pode pensar sequer em se dirigir.

Quem tem necessidade de tratar qualquer assunto junto desses agentes de autoridade, tem de munir-se de cartas de apresentação, senão, nada consegue.

Muitos exemplos de falta de cumprimento dos seus deveres e parcialidade poderão citar, mas reservo-me para melhor oportunidade, citando por agora apenas um que é bem flagrante e demonstrativo:

Certo empregado comercial, rapaz de 17 anos de idade, foi despedido por se opor a que o patrão lhe extorquisse uma importância que lhe queria debitar e era injusta. O rapaz, como não era rico queria harmonizar o melhor possível, dirigiu-se ao administrador do concelho e pediu-lhe a sua intervenção, reclamando o que lhe era devido pelos seus ordenados em atraso e os 30 dias que o artigo 263 do código comercial ordena lhe sejam pagos, tendo-lhe aquele prometido interessar os tramites legais verá resolvido este assunto, pois certamente os membros do juri resolverão a seu favor.

Este facto é aqui apontado para se ver o critério com que o administrado procedeu, calcando a lei e o seu dever perante a magnanimidade individual de um patrão, que se dá ao luxo de se dizer um dos mais importantes do sul da Província, embora seja de conhecimento geral a sua situação de falência.

Este facto verídico passou-se no Lobito, e o administrador é o senhor Raúl Pires que passa pela fama de ser um dos mais rectos.

Justiça em Angola, não existe, critério e vergonha não é fácil encontrar-se, e eu, que clamo e barafudo pelas verdades e trabalho há 10 anos pela expansão organização de Associações de classe, único meio de reprimir abusos e garantir liberdade de trabalho, sou alunciado de bolchevista o que certamente me vai fazer grande diferença para a reforma.

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Precio 1\$00; pelo correio, 1\$20; registrado, 1\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

T. JUNIOR

### SALVADOR BARATA, L. DA

Fabricantes das alvaiadas marca «Gaivota» e únicos depositários do «PO RODRIGUES», o melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, &c. VENDA em todas as DROGARIAS, MERCEARIAS e LOJAS de FERRAGENS

BURGOS GRIVOTAS, 19-B a 19-C LISBOA

TELEFONE T. 546

BRASIL

PARAGUAI

PERU

CHILE

ARGENTINA

URUGUAI

COLOMBIA

PERU

ECUADOR

PALESTINA

EGITO

LIBIA

IRAN

PAKISTÃO

AFEGHANISTÃO

INDIA

PAQUISTÃO

PAKISTÃO

PAQUISTÃO

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	2993	
Paris, cheque	555,5	
Suica	378,5	
Bruxelas cheque	553	
New-York	1955	
Amsterdão	7585	
Itália, cheque	77,5	
Brasil	3500	
Praga	558	
Suécia, cheque	524	
Austria, cheque	277	
Berlim	4507	

## Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

## AVISO AO PÚBLICO

Ampliação do 5.º Aditamento ao Complemento à Tarifa Especial Interna n.º 1 de P. V.

## Concessão especial

Pelo presente se faz público que esta Companhia concede aos consignatários que, durante o prazo máximo de um ano, contado da data da primeira remessa, tiverem recebido, ao abrigo da Tarifa Especial Interna n.º 1 de pequena velocidade, remessas de resinas de pinheiro, em bruto ou refinadas; borras de resina; breu, vegetal ou mineral; cefolofia; pez louro ou negra; águas-azuis; essência de terebentina e rebentina séca; por expedições de vagão completo ou pagando como tal, quando destinadas à exportação pela barra do Douro ou pelo Pórtio de Leixões, os mesmos bonus de 10%, 15% e 20%, conforme a tonelagem transportada, que pelo 5.º Aditamento ao Complemento à Tarifa Especial Interna n.º 1 de pequena velocidade, se concedeu para a exportação das mesmas mercadorias pela barra de Lisboa.

Observar-se-hão para esta concessão todas as condições constantes do supra-citado Aditamento, que o presente amplia, não podendo, porém, agruparem-se as remessas exportadas por um consignatário pela barra de Lisboa com as que o mesmo exporte pela barra do Douro ou Pórtio de Leixões.

Proveita-se também a oportunidade para se esclarecer que a concessão estabelecida pelo 5.º Aditamento ao Complemento à Tarifa Especial Interna n.º 1 de pequena velocidade diz respeito aos consignatários das remessas, que é de facto quem exporta as mercadorias, e não aos expedidores como foi indicado.

Lisboa, 16 de Setembro de 1926.—O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Serviço especial por motivo da feira e tourada em Vendas Novas no dia 19 de setembro de 1926

Por este motivo realizar-se-há no dia 19 do corrente um combóio especial de Vendas Novas a Setim, com a seguinte marcha:

Vendas Novas, partida, às 22 horas;

Canha, chegada, 22,30; Lavre, 22,48; São Torquato, 23,08; Quinta Grande, 23,36;

Coruche, 23,48; Agolada, 0,24; Marinhas, 0,57; Muge, 1,11; Morgado, 1,31; Setil, 1,43;

Lisboa, 16 de setembro de 1926.—O Director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

A VENDA a 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no gênero se publica

Horário de trabalho

## As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 26 de Maio de 1919, respectivo regulamento publicado no Diário do Governo, de 2 de Maio sobre obrigações de trabalho, sendo o seu preço actual de 50 centavos. Aos simplicados que desejem adquirir quantidades fáceis haverá um abatimento de 50 por cento em preços de 50 folhetos.

Devolhos à administração de A Batalha

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-mauistianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$40

A peste religiosa..... \$50

A Liberdade..... \$50

A Internacional (música e leitura)..... \$30

Pedidos à administração de A Batalha

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckino. Preço 1\$50.

OS MISTERIOS DO POVO

— Porque julguei que o seu concurso podia ser muito útil à causa da humanidade... mais útil do que se se entregasse aos trabalhos da agulha.

— Disse-me também que, durante alguns meses depois de iniciada, eu não poderia contar com nenhum recurso filhos do meu trabalho... Aceitei da sua mão o dinheiro necessário para viver. O senhor tem sido para mim um irmão e um educador... Todos os dias passávamos horas inteiras a conversar... e pouco a pouco os meus olhos se abriram para a luz... brilhantes horizontes me deslumbraram a vista... comecei a partilhar as suas generosas aspirações... e daí nasceu em mim o instinto de dedicação, de resignação, de sacrifício... que produz os paladinos e os mártires...

O senhor seguia com grande interesse os meus progressos neste novo caminho que me facultava... e todos os dias me fazia esperar que, depois de iniciada... eu poderia reivindicar a minha parte activa nos seus projectos... Mas, desde que me revelou o seu nascimento e a sua posição... confesso que algumas dúvidas me assaltaram o espírito. O fim desta seita é efectivamente o que me tem dito, a reivindicação dos direitos usurpados às classes deserdadas?

— A menor dúvida a tal respeito, Vitória, seria para mim uma cruel injúria... Estamos armados em nome da Justiça e do Direito.

— Perdão, Frantz... Com que então... o nível...

esse emblema inflexível... o nível social...

— E' o nosso emblema. Igualdade de direitos para o homem e para a mulher.

— O seu emblema, senhor?... do filho dum sobrenome?

— A aspiração da minha vida é o triunfo da liberdade... o advento da República!... Escute, Vitória. Já sabe o que são os rigores, os tormentos, as vergonhas da prisão. Quem, melhor do que quem já sofreu tais horrores, os conhece... e melhor os odeia?

— Compreendo o seu pensamento, senhor. O despotismo causa-lhe horror.

— E ainda se admira de que eu... de raça sobrenome?

— A coragem é a origem plebeia... como a sua, pois que foi o mesmo o berço das nossas famílias, escolha o nível para símbolo?

— Já me não admiro, Frantz... mas à admiração sucede um sentimento de veneração e respeito!

E, com os olhos ricos de lágrimas, Vitória caiu de joelhos aos pés do príncipe, beijou-lhe a mão e exclamou:

— Deus os abençoe, príncipe comovido!

Levantou-se, Vitória disse o príncipe comovido.

Não lhe mereço essa veneração... O que vale o pequeno sacrifício dos meus privilégios, comparado com a grandeza da nossa causa?... Refletiu, neste momento solene em que vai ser iniciada... Ainda está a tempo de renunciar a ligar-se connosco...

— Frantz... já se passaram três meses de experiência... e não é à ultima hora que hei de fraquejar!... Estou pronto!

— Mas pense nos enormes compromissos que vai tomar.

— Sejam quais forem, hei de estar à altura deles, pela fé, pela coragem, pela dedicação.

— Eu quis revelar-lhe os nossos laços de família

para a obrigar a aceitar sem hesitação, como entre

parentes se deve fazer, os meios de prover de hoje

em diante à sua subsistência, mesmo no caso em que

renunciasse a filiar-se... A sua liberdade de ação é

ainda completa e absoluta.

— Aceiarei de si qualquer serviço, Frantz, e sem

corar; mas estou mais do que nunca resolvida a dedi-

car-me de corpo e alma à santa causa dos deserdados,

se porventura me julga digna de a servir.

— Não lhe farei dos perigos a correr... sei que

é corajosa... mas terá que fazer completo sacrifício

de si mesma. Será um instrumento, não cego, mas a

um tempo inteligente e passivo. Os Videntes são obri-

gados a empregar, para a emancipação, regeneração

bem estar da humanidade, alguns dos processos de

que usa a Companhia de Jesus para embrutecer e es-

rancizar os homens. O ferro, segundo o uso que se

faz dele, serve de punhal ao assassino, ou de gládio

ao cidadão que defende a pátria. Foi com o gládio que

Bruto combateu a aristocracia romana e apunhalou

César.

— Como sei o fim para que me conduzem—o triunfo

do Direito e da Justiça—obedecerei.

— Talvez tenha até que fazer sacrifício da sua sêde

de vingança... de represálias... Seria isto superior

às suas forças?

Vitória estremeceu, revelando-lhe as feições uma

luta interior; depois exclamou:

— Que diz, Frantz?... esses séculos de opressão...

não teriam um dia o seu justo castigo?... Ficarem

impunes tantos crimes seculares!.. Não vingarmos

os males dos mártires nossos avós!.. Não darmos

ao mundo um exemplo de moralidade e de justiça

inexorável... Pois quê!... Haviam então de recu-

ar-nos um dia de legítimas represálias após quinze

séculos de tiranias e iniquidades?... Seriam obrigadas

as vítimas a perdoarem aos carrascos?

— Vítória! Os que querem o advento da fraterni-

dade humana têm horror ao sangue... e esperam po-

der emancipar e regenerar a Humanidade pela clem-

ência e pelo perdão... e pela instrução das classes

trabalhadoras.

— Renunciarei, pois, à minha vingança! respondeu

a jovem. Mas se os eternos inimigos da Humanidade

se opuserem, pela astúcia ou pela violência, à eman-

cipação e regeneração dos oprimidos; se elas lutarem,

como outras vezes têm feito, deverão as vítimas ajo-

lar e oferecer o pescoço aos cutelos dos alzogos?

— Se tal suceder, Vítória, caiu o sangue sobre quem

primeiro o fizer correr!... Malditos sejam os que res-

ponderem com a perfídia ou com a violência às nossas

palavras de amor e concórdia, de justiça e reparação!

Cumpri-se-há então mais uma vez a lei do progresso

humano, que tantas vezes, através dos séculos, ensan-

giou a conquista das mais justas reformas; ainda

uma vez—mas a última!—a insurreição proporá aos

# A BATALHA

Devem os militantes operários, inspirados num grande espírito de tolerância, esforçar-se por realizar a unidade sindical



NO SINDICATO METALÚRGICO

Numa notável sessão exalta-se a vida, a obra e o exemplo do saudoso militante operário

Francisco Viana

Na sede do Sindicato Único Metalúrgico efectuou-se anteontem a sessão evocadora da memória do militante operário Francisco Viana. Presidiu o delegado da C. G. T., Faustino Ferreira, secretariando Alberto Monteiro e Artur Cardoso, delegados, respectivamente, da C. S. T. e do Sindicato Metalúrgico. Estavam representados os seguintes organismos:

C. G. T., C. S. T., Federação Metalúrgica, Federação Nacional Corticeira, Operários do Município, Sindicato Único Metalúrgico, Empregados no Comércio e Indústria, Sindicato do Pessoal da Casa da Moeda, Sindicato Único da Construção Civil e Operários Afiliados.

O primeiro orador foi o nosso camarada Joaquim de Sousa. Afirmou que a Federação Metalúrgica apenas cumpre um dever associando-se aquela homenagem, pois Francisco Viana foi um dos mais activos militantes operários, merecendo a sua memória o preito do nosso sentimento e gratidão.

Guilherme de Almeida, pelos operários afiliados, profere palavras de sentida saudade e associa-se também a todos as homenagens a Francisco Viana.

José Gonçalves, que representa a secção metalúrgica do Pólo do Bispo, lastima que em vez do retrato, não possa vê-lo em pessoa, porque isso seria a garantia segura de que a Organização Operária mais se destinaria a um militante que sentiu a sua desenvolveria.

Adelmo Ferreira, da secção metalúrgica do Alto do Pina, profere idênticas palavras.

Tavares Adão, da Federação Vinícola, tem também palavras de muito sentimento. Aconselha os presentes a que sigam a obra de Francisco Viana.

Artur dos Santos, operário canteiro, pede a palavra e solidariza-se também com a finalidade que tem esta sessão.

Artur Cardoso, como amigo pessoal, produz palavras que enaltecem a memória de Francisco Viana, censurando aqueles que tendem beneficiado com a ação de Francisco Viana, não souberam sequer dedicar um bocado da tarde, para virem tal alí, considerando tal indiferença uma ingratidão.

Chega à mesa uma credencial dos manipuladores de Pão, acreditando delegado a esta sessão Domingos Gonçalves, que, usando da palavra, afirma que os problemas em trânsito na organização operária teriam mais prática execução se Francisco Viana fosse vivo porque ele nunca desanhou.

Alberto Monteiro, pela Câmara Sindical do Trabalho, traça homenagens deste organismo e salienta que Francisco Viana, longe de ser homenageado só pelos metalúrgicos, o deve ser antes, por toda a organização operária, principalmente pela C. S. T., organismo central local onde ele exerceu uma grande parte da sua actividade.

Quanto à eclosão de vários movimentos que a extinta U. S. O. levou à prática, davam como consequência prisões, buscas e suspensão de garantias, Francisco Viana era quem sempre tinha uma ideia a expor no sentido de se continuar com esses movimentos, isto quando outros mais novos desanimavam perante a força da burguesia.

Francisco Viana dedica toda a sua actividade à sua Federação de Indústria e simultaneamente ao Sindicato dos Serralheiros de Lisboa.

Podemos afirmar que este camarada conquistou a estima e confiança ao mais elevado grau. No movimento geral em Lisboa em 1914, i.e. parte do comité metalúrgico de agitação, movimento que provocou a queda do governo de então.

Nesse mesmo ano Francisco Viana representa a Federação Metalúrgica no congresso nacional operário realizado em Tomar, onde se fundou a U. O. N. de cujo organismo Viana fez parte, bem como do U. S. O. de Lisboa. Tomou parte na conferência regional (Sul) da U. O. N., e na propaganda contra a carestia da vida em protestos e manifestações de agitação, tendo sofrido algumas dissabores.

O orador descreve o carácter firme e o espírito de decisão de Francisco Viana, concluindo que ele possuía uma envergadura inabalável de lutador.

Quando a organização metalúrgica atraíava uma fase de desafeição, em 1916, reflectindo-se a inacção na Federação de Indústria cuja esperança se limitava a Lisboa, porque a organização metalúrgica na província não existia, o saudoso Viana cooperou com um grupo de camaradas das várias profissões e num plano previamente preparado promoveu-se uma reunião magna da classe em que formaram parte os sindicatos profissionais. No 1º de Maio proclama-se a greve geral reclamando o horário de 8 horas de trabalho, cujo movimento durou algumas semanas, alcançando-se esta regalia para dois terços das oficinas e fábricas de Lisboa, tendo em conta que já o ramo da serraria civil e canais destruídos.

Neste momento tem a C. S. T. problemas como os da crise e horário de trabalho, inquilinato e unidade sindical, e estas questões básicas para a organização operária, mais rápida execução prática teriam se todos que, querendo homenagear Francisco Viana, lhe seguiriam a sua obra, acompanhada da fé e entusiasmo que só Francisco Viana sabia imprimir aos seus trabalhos.

Se o actual Conselho de Delegados fosse composto de camaradas da vontade de Francisco Viana, esse facto, só por si, seria a certeza inabalável e indestrutível de que então a C. S. T. teria dentro de pouco tempo todos os seus trabalhos concluídos e atingido os seus objectivos.

Se há quem queira prestar uma homenagem sincera a Francisco Viana, a melhor maneira de a prestar será a de todos se dedicarem com o mesmo «clan» e entusiasmo, aos trabalhos da organização, tornando-a forte e aguerrida, como ele o fez sempre sem esmorecimentos.

Santos Arranha pede a palavra que lhe é concedida, e faz um discurso cheio de cíticas interessantes, a propósito da vida de Francisco Viana, lembrando as prisões que sofreu por dedicação à causa da emancipação dos trabalhadores.

Por último Faustino Ferreira da C. G. T. e que preside à sessão, profere o discurso de encerramento associando-se em nome deste organismo central, às manifestações prestadas a Francisco Viana, cognominando-o «mártir da causa operária» e relata com larga cópia de argumentos, quais os trabalhos que a comissão administrativa da C. G. T. está fazendo no sentido de em breve termos uma organização operária que corresponda aos fins para que foi criada, terminando por incitar todos os presentes a que se congregue e se integrem nos trabalhos sindicais, lembrando que a emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores.

Foi este facto uma das maiores alegrias para o nosso saudoso camarada.

Francisco Viana foi como delegado deste Sindicato aos congressos nacionais operários realizados em Coimbra em 1919 e em Santarém em 1925, sendo neste último para o Comité Confederal exercendo o cargo de tesoureiro; igualmente exercia este cargo na Federação Metalúrgica, o que abonava a sua honestidade e a sua fideliade à organização operária portuguesa.

De passagem, Joaquim de Sousa refere que Viana julgou, um momento, que o Partido Comunista apressaria a revolução emancipadora, sofrendo um imediato desengano que o levou a recuperar o seu posto.

Colaborou depois, com o orador, na propaganda anarquista, tendo produzido obra muito útil.

Francisco Viana sofreu constantes perseguições da polícia, tendo sido ferido na explosão da rua do Carmo, por ocasião do cortejo camoneano, o que bastou para que fosse acusado de cumplicidade e tão infundada era a acusação que nenhum procedimento houve. Tomou parte activa na greve de 1916, que foi sufocada brutalmente. Foi expulso da vila de Aljustrel quando ali fazia propaganda, sendo forçado a palma-lha a estrada debaixo de escolta, sem alimento, até à longínqua estação do caminho de ferro, onde embarcou para Lisboa.

Nos últimos anos da sua existência, nos momentos de rebeldia proletária—quando a organização sindical reagia fortemente, era perseguido pela autoridade, sendo encerrado algumas vezes nos presídios militares e nas cadeias civis. E isso abreviou a sua morte. Terminando, o orador apela para que a vida e ação de Francisco Viana seja exemplo para novos e velhos, porque a sua obra foi fecunda e proveitosa.

Ao terminar o seu discurso, Joaquim de Sousa descerrou o retrato do saudoso Viana, um meio da geral comemoração.

Prosseguiram depois a série dos discursos.

## Ecos do terramoto do Faial

### Subscrição para o bairro popular da Cruz Vermelha no Faial

Na tesouraria da Cruz Vermelha Portuguesa, além dum saco com roupa oferecido pelo sr. Mendes Leal para as vítimas do terramoto, foram recebidas mais as seguintes importâncias para a construção de casas que a mesma instituição está preparando para enviar para aquela ilha: Do anónimo, 98.64230; do sr. Joaquim Sergio Massudo, 10.500; Pedro de Seixas Correia, 50.000 total, 98.702\$30.

## Prevenção aos compostores tipográficos

A direcção da Associação dos Compositores Tipográficos previne todos os componentes conscientes da sua classe, de que não devem aceitar trabalho no «Correio da Manhã» enquanto o conflito ali existente não for solucionado.

LEDE NO NOSSO FOLHETIM

## A Revolução Francesa

Uma obra admirável que todos devem ler

E' aquele o título do novo livro que A Batalha está publicando em folhetins da coleção "Mistérios do Povo", por Eugene Sue.

Trata-se do último livro daquela soberba coleção, o que tem maior intensidade de acontecimentos, onde a alma popular prenhe de aspirações de justiça mais se evidencia e mais nos fala dos grandes acontecimentos renovadores que Eugene Sue soube, com a sua pena brilhante, romanzizar.

Os nossos leitores que não teriam acompanhado os livros anteriores podem, sem prejuízo da obra, iniciar a leitura, visto que cada volume trata duma época histórica e constitui uma obra completa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes scenas desenvolvidas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra admirável.

### LUTA DE CLASSES

### Os Empregados no Comércio e o Horário de Trabalho

Para tratar de assuntos que se prendem com os atropelos ao horário de trabalho no comércio e a apreciação da atitude de alguns organismos acerca das 8 horas de trabalho, são convidados a reunir amanhã, às 22 horas, na sede do Sindicato respectivo a Comissão de Melhoramentos e Administração do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa.

### O conflito do "Correio da Manhã"

#### Biografias amarelas

Inesperadamente puzemos ponto final neste esporádico assunto, mas factos surgidos depois obrigar-nos a voltar a tratá-lo, não para demonstrar a pouca lisura dos processos dos superintendentes daquele diário, que essa saciedade foi provada, mas para pormos em destaque, em lugar de imperfeto relevo, as figuras exóticas de alguns componentes do quadro tipográfico que presentemente manipula o órgão da fina flor da classe monárquica.

Neste momento tem a C. S. T. problemas como os da crise e horário de trabalho, inquilinato e unidade sindical, e estas questões básicas para a organização operária,

o deve ser antes, por toda a organização operária, principalmente pela C. S. T., organismo central local onde ele exerceu uma grande parte da sua actividade.

Quando a eclosão de vários movimentos que a extinta U. S. O. levou à prática, davam como consequência prisões, buscas e suspensão de garantias, Francisco Viana era quem sempre tinha uma ideia a expor no sentido de se continuar com esses movimentos, isto quando outros mais novos desanimavam perante a força da burguesia.

Neste momento tem a C. S. T. problemas como os da crise e horário de trabalho, inquilinato e unidade sindical, e estas questões básicas para a organização operária,

o deve ser antes, por toda a organização operária, principalmente pela C. S. T., organismo central local onde ele exerceu uma grande parte da sua actividade.

Quando a eclosão de vários movimentos que a extinta U. S. O. levou à prática, davam como consequência prisões, buscas e suspensão de garantias, Francisco Viana era quem sempre tinha uma ideia a expor no sentido de se continuar com esses movimentos, isto quando outros mais novos desanimavam perante a força da burguesia.

Neste momento tem a C. S. T. problemas como os da crise e horário de trabalho, inquilinato e unidade sindical, e estas questões básicas para a organização operária,

o deve ser antes, por toda a organização operária, principalmente pela C. S. T., organismo central local onde ele exerceu uma grande parte da sua actividade.

Quando a eclosão de vários movimentos que a extinta U. S. O. levou à prática, davam como consequência prisões, buscas e suspensão de garantias, Francisco Viana era quem sempre tinha uma ideia a expor no sentido de se continuar com esses movimentos, isto quando outros mais novos desanimavam perante a força da burguesia.

Neste momento tem a C. S. T. problemas como os da crise e horário de trabalho, inquilinato e unidade sindical, e estas questões básicas para a organização operária,

o deve ser antes, por toda a organização operária, principalmente pela C. S. T., organismo central local onde ele exerceu uma grande parte da sua actividade.

Quando a eclosão de vários movimentos que a extinta U. S. O. levou à prática, davam como consequência prisões, buscas e suspensão de garantias, Francisco Viana era quem sempre tinha uma ideia a expor no sentido de se continuar com esses movimentos, isto quando outros mais novos desanimavam perante a força da burguesia.

Neste momento tem a C. S. T. problemas como os da crise e horário de trabalho, inquilinato e unidade sindical, e estas questões básicas para a organização operária,

o deve ser antes, por toda a organização operária, principalmente pela C. S. T., organismo central local onde ele exerceu uma grande parte da sua actividade.

Quando a eclosão de vários movimentos que a extinta U. S. O. levou à prática, davam como consequência prisões, buscas e suspensão de garantias, Francisco Viana era quem sempre tinha uma ideia a expor no sentido de se continuar com esses movimentos, isto quando outros mais novos desanimavam perante a força da burguesia.

Neste momento tem a C. S. T. problemas como os da crise e horário de trabalho, inquilinato e unidade sindical, e estas questões básicas para a organização operária,

o deve ser antes, por toda a organização operária, principalmente pela C. S. T., organismo central local onde ele exerceu uma grande parte da sua actividade.

Quando a eclosão de vários movimentos que a extinta U. S. O. levou à prática, davam como consequência prisões, buscas e suspensão de garantias, Francisco Viana era quem sempre tinha uma ideia a expor no sentido de se continuar com esses movimentos, isto quando outros mais novos desanimavam perante a força da burguesia.

Neste momento tem a C. S. T. problemas como os da crise e horário de trabalho, inquilinato e unidade sindical, e estas questões básicas para a organização operária,

o deve ser antes, por toda a organização operária, principalmente pela C. S. T., organismo central local onde ele exerceu uma grande parte da sua actividade.

Quando a eclosão de vários movimentos que a extinta U. S. O. levou à prática, davam como consequência prisões, buscas e suspensão de garantias, Francisco Viana era quem sempre tinha uma ideia a expor no sentido de se continuar com esses movimentos, isto quando outros mais novos desanimavam perante a força da burguesia.

Neste momento tem a C. S. T. problemas como os da crise e horário de trabalho, inquilinato e unidade sindical, e estas questões básicas para a organização operária,

o deve ser antes, por toda a organização operária, principalmente pela C. S. T., organismo central local onde ele exerceu uma grande parte da sua actividade.

Quando a eclosão de vários movimentos que a extinta U. S. O. levou à prática, davam como consequência prisões, buscas e suspensão de garantias, Francisco Viana era quem sempre tinha uma ideia a expor no sentido de se continuar com esses movimentos, isto quando outros mais novos desanimavam perante a força da burguesia.

Neste momento tem a C. S. T. problemas como os da crise e horário de trabalho, inquilinato e unidade sindical, e estas questões básicas para a organização operária,

o deve ser antes, por toda a organização operária, principalmente pela C. S. T., organismo central local onde ele exerceu uma grande parte da sua actividade.

Quando a eclosão de vários movimentos que a extinta U. S. O. levou à prática, davam como consequência prisões, buscas e suspensão de garantias, Francisco Viana era quem sempre tinha uma ideia a expor no sentido de se continuar com esses movimentos, isto quando outros mais novos desanimavam perante a força da burguesia.

Neste momento tem a C. S. T. problemas como os da crise e horário de trabalho, inquilinato e unidade sindical, e estas questões básicas para a organização operária,

o deve ser antes, por toda a organização operária, principalmente pela C. S. T., organismo central local onde ele exerceu uma grande parte da sua actividade.

Quando a eclosão de vários movimentos que a extinta U. S. O. levou à prática, davam como consequência prisões, buscas e suspensão de garantias, Francisco Viana era quem sempre tinha uma ideia a expor no sentido de se continuar com esses movimentos, isto quando outros mais novos desanimavam perante a força da burguesia.

Neste momento tem a C. S. T. problemas como os da crise e horário de trabalho, inquilinato e unidade sindical, e estas questões básicas para a organização operária,

o deve ser antes, por toda a organização operária, principalmente pela C. S. T., organismo central local onde ele exerceu uma grande parte da sua actividade.